

Aula 3 - A Breve Ascensão e Queda de Jânio Quadros: Um Enigma na História Brasileira

Você já se perguntou como figuras políticas, que prometem uma revolução e uma nova era, podem desaparecer do cenário tão rapidamente quanto surgiram? A história do Brasil está repleta de momentos assim, e um dos mais intrigantes é, sem dúvida, o governo de Jânio Quadros. Em apenas sete meses, ele ascendeu ao poder com uma votação recorde e, de forma surpreendente, renunciou, mergulhando o país em uma das maiores crises políticas de sua história.

Compreender a trajetória de Jânio Quadros não é apenas revisitar o passado; é desvendar as raízes de muitos dos dilemas políticos que ainda hoje ressoam em nossa sociedade. Ao final desta aula, você será capaz de analisar os fatores que levaram à eleição de Jânio, identificar as ambiguidades de suas políticas interna e externa, compreender o impacto da condecoração de Che Guevara, e, crucialmente, discutir as diversas interpretações historiográficas sobre sua enigmática renúncia e a subsequente crise sucessória.

Esta aula é um convite para mergulhar em um período de efervescência e incerteza, essencial para quem busca uma compreensão aprofundada da formação política do Brasil contemporâneo, seja para aprimorar seu conhecimento acadêmico ou para se preparar para desafios profissionais e concursos. Conectaremos os eventos da época com o cenário político que o Brasil vivia após a Era Vargas e o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, um período de grande otimismo, mas também de crescentes tensões sociais e políticas.

Nossa jornada começará com a campanha eleitoral de 1960, explorando a retórica "moralizadora" de Jânio. Em seguida, analisaremos as complexas políticas de seu governo, a polêmica condecoração de Che Guevara e a crise com a UDN. Por fim, desvendaremos a renúncia inesperada e a crise sucessória, culminando em uma análise das interpretações historiográficas sobre esse evento tão marcante. Prepare-se para uma aula que desafiará suas percepções sobre poder, populismo e destino nacional.

A Campanha de 1960: O Vassoura e a Promessa de Renovação

Imagine um Brasil efervescente no final da década de 1950. O governo de Juscelino Kubitschek havia impulsionado o desenvolvimento com o lema "50 anos em 5", construindo Brasília e modernizando o país. No entanto, essa euforia vinha acompanhada de inflação crescente e uma sensação de que a política tradicional estava viciada, distante dos anseios populares. Era um cenário fértil para o surgimento de uma figura que promettesse "varrer" a corrupção e os velhos costumes.

Nesse contexto de otimismo e, ao mesmo tempo, de insatisfação latente, surge Jânio Quadros. Ele não era um político tradicional, mas um ex-professor que havia construído sua carreira com uma imagem de "outsider", de homem simples e incorruptível. Sua campanha eleitoral de 1960 foi um fenômeno à parte, marcada por uma retórica direta, gestos teatrais e um símbolo que se tornaria icônico: a vassoura.



A vassoura de Jânio não era apenas um adereço de campanha; era uma metáfora poderosa. Ela representava a promessa de "varrer a corrupção", os "maus políticos" e os "vícios" da administração pública. Para um eleitorado cansado das velhas práticas e preocupado com a inflação, essa mensagem ressoava profundamente. Jânio se apresentava como o "salvador da pátria", o homem providencial que traria a moralidade de volta à política, apelando diretamente às emoções e frustrações do povo.

A Metáfora da Vassoura

Pense na vassoura de Jânio como um aplicativo de "limpeza de cache" para o sistema político. Assim como um aplicativo promete otimizar seu celular removendo arquivos desnecessários e lentidão, Jânio prometia otimizar o Brasil, eliminando a "sujeira" e a ineficiência.

Conexão com o Cotidiano

Essa analogia ajudava a criar uma conexão imediata com o cotidiano das pessoas, que viam na sua proposta uma solução simples e eficaz para problemas complexos. Ele não falava de grandes ideologias, mas de problemas práticos e soluções morais.

Essa abordagem populista, focada na figura do líder carismático e na promessa de renovação moral, foi um dos pilares de sua vitória esmagadora. Jânio Quadros venceu as eleições presidenciais de 1960 com a maior votação da história do Brasil até então, superando o candidato governista, Marechal Henrique Teixeira Lott, e o candidato da UDN, Adhemar de Barros. Sua vitória foi um claro sinal do desejo de mudança e da força de um discurso que se distanciava dos partidos tradicionais.

As Políticas Interna e Externa Ambíguas do Governo Jânio

Com a vassoura em punho e a promessa de moralização, Jânio Quadros assumiu a presidência em janeiro de 1961. No entanto, o que se seguiu foi um governo marcado por uma série de decisões que, para muitos, pareciam contraditórias e, para outros, simplesmente excêntricas. A gestão de Jânio foi um verdadeiro malabarismo entre a austeridade econômica, a moralização dos costumes e uma política externa ousada e independente.

Política Interna

Internamente, Jânio implementou medidas de austeridade para combater a inflação, como a restrição ao crédito e o corte de subsídios. Ao mesmo tempo, ele se notabilizou por decretos que, embora menores, geraram grande repercussão e controvérsia, como a proibição de rinhas de galo e o uso de biquínis em concursos de beleza.

Política Externa

No plano externo, Jânio adotou uma postura que rompia com o alinhamento automático aos Estados Unidos, característica da Guerra Fria. Ele defendia uma "política externa independente", buscando aproximação com países socialistas e nações não alinhadas, como China, Cuba e países africanos.

Essa dualidade pode ser comparada a um chefe de cozinha que, ao mesmo tempo em que tenta equilibrar o orçamento do restaurante cortando custos de ingredientes caros, também se preocupa em proibir os garçons de usar gravatas coloridas ou de ouvir música alta na cozinha. As medidas de "moralização" eram como as proibições menores: chamavam a atenção, geravam debate, mas não resolviam a "fome" principal do país, que era a crise econômica.

Essa política externa independente de Jânio era como um jogador de xadrez que, em vez de seguir as aberturas clássicas, decide inovar e criar suas próprias estratégias, surpreendendo o adversário. Enquanto o mundo estava dividido em dois blocos, Jânio buscava um terceiro caminho, o que era visto com desconfiança pelas forças conservadoras e pelos setores mais alinhados aos EUA no Brasil. Essa ousadia diplomática, embora visionária para alguns, seria um dos estopins para a crise que se avizinhava.

Características da Política Externa Independente

- Busca por novos mercados para produtos brasileiros
- Aproximação com países socialistas e não-alinhados
- Defesa da autodeterminação dos povos
- Postura mais autônoma em relação aos EUA

A Condecoração de Che Guevara e a Crise com a UDN

A política externa independente de Jânio Quadros, embora ambiciosa, estava prestes a colidir com as realidades políticas internas do Brasil. Em um mundo bipolarizado pela Guerra Fria, qualquer aproximação com o bloco socialista era vista com extrema desconfiança pelas elites conservadoras e militares, que temiam a "ameaça comunista". O governo de Jânio, já desgastado por suas medidas internas e seu estilo personalista, estava prestes a enfrentar sua prova de fogo.

O ponto de inflexão ocorreu em agosto de 1961, quando Jânio Quadros decidiu condecorar Ernesto "Che" Guevara, um dos líderes da Revolução Cubana, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta honraria brasileira.



Condecoração

Che Guevara visitava o Brasil em uma missão diplomática e foi recebido com honras de Estado, recebendo a mais alta honraria brasileira.



Reação

A UDN (União Democrática Nacional) reagiu com veemência, liderada por Carlos Lacerda, governador da Guanabara e ferrenho crítico de Jânio.



Repercussão

A imprensa conservadora ecoou as críticas, criando um clima de intensa polarização e acusações de traição.

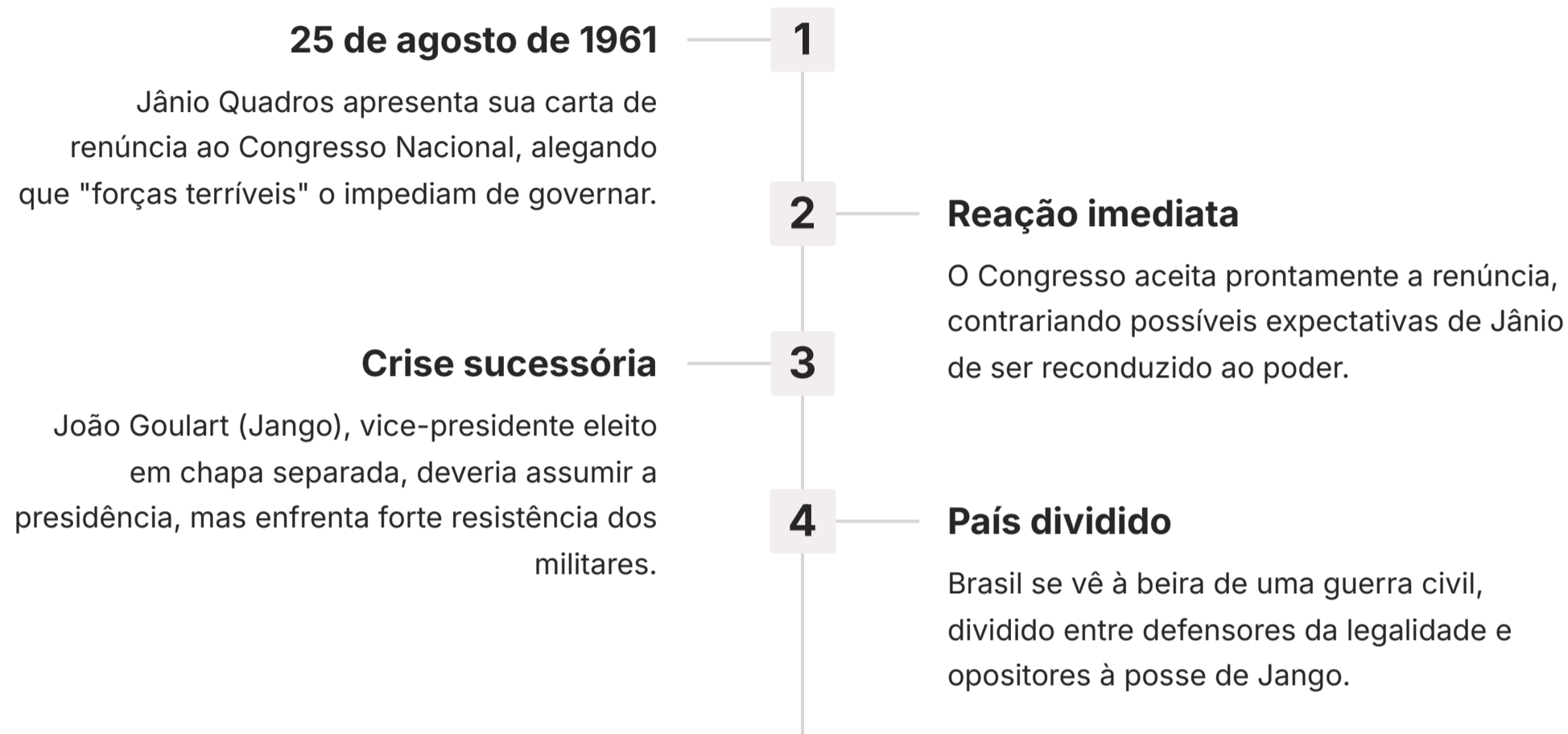
Esse ato foi como jogar gasolina em um incêndio já latente. A UDN (União Democrática Nacional), partido de forte oposição a Jânio e com grande influência nos meios militares e conservadores, reagiu com veemência. Carlos Lacerda, governador da Guanabara e um dos mais ferrenhos críticos de Jânio, liderou a ofensiva, acusando o presidente de traição e de estar alinhado com o comunismo internacional. A imprensa conservadora ecoou as críticas, criando um clima de intensa polarização.

Pense na condecoração de Che Guevara como um "tweet" polêmico de uma figura pública que já está sob escrutínio. O tweet, por si só, pode ser interpretado de várias formas, mas no contexto de uma polarização já existente, ele se torna o estopim para uma avalanche de críticas e acusações. A intenção de Jânio poderia ser puramente diplomática, mas o impacto foi a intensificação da crise política interna, minando ainda mais sua base de apoio.

A crise com a UDN e as forças conservadoras se aprofundou. Jânio, que já governava de forma isolada, sem uma base parlamentar sólida e com um estilo errático, viu sua popularidade e seu poder político se esvaírem rapidamente. A condecoração de Che Guevara não foi a única causa da renúncia, mas foi o catalisador que expôs a fragilidade de seu governo e a profundidade da oposição que enfrentava. A partir desse momento, o caminho para a renúncia parecia inevitável.

A Renúncia Inesperada e a Crise Sucessória

A tensão política atingiu seu ápice em agosto de 1961. O governo de Jânio Quadros, já fragilizado pelas críticas à sua política externa e pelo seu estilo personalista, estava sob intensa pressão. A oposição, liderada por Carlos Lacerda e a UDN, não dava trégua, e o presidente se via cada vez mais isolado, sem apoio no Congresso e com a imprensa em sua maioria contra ele. O clima era de instabilidade e incerteza, com rumores de golpe e contragolpe circulando pelos corredores do poder.



Foi nesse cenário de efervescência que, na manhã de 25 de agosto de 1961, o Brasil foi pego de surpresa. Jânio Quadros, em um ato que chocou a nação, apresentou sua carta de renúncia ao Congresso Nacional. Na carta, ele alegava que "forças terríveis" o impediam de governar, insinuando a existência de conspirações e pressões que o teriam levado a tomar essa decisão drástica. A renúncia, inesperada e sem precedentes na história republicana recente, mergulhou o país em um vácuo de poder e uma profunda crise institucional.

A renúncia de Jânio pode ser comparada a um jogador de pôquer que, em uma rodada decisiva, aposta todas as suas fichas em um blefe arriscado, esperando que seus oponentes recuem.

Jânio, ao renunciar, talvez esperasse que o Congresso e a opinião pública, diante do caos iminente, o chamassem de volta ao poder com plenos poderes para governar. No entanto, o blefe não funcionou. O Congresso aceitou a renúncia, e o país se viu diante de um impasse.

A renúncia de Jânio Quadros deflagrou imediatamente uma crise sucessória. Pela Constituição da época, o vice-presidente, João Goulart (Jango), deveria assumir a presidência. O problema era que Jango, eleito em chapa separada de Jânio (o que era permitido na época), era visto com desconfiança pelas Forças Armadas e por setores conservadores, que o consideravam um "comunista" ou, no mínimo, um "esquerdista perigoso" devido às suas ligações com o sindicalismo e sua postura nacionalista.

A crise sucessória dividiu o país. De um lado, os defensores da legalidade, que exigiam a posse de Jango. De outro, os militares e conservadores, que se opunham veementemente à sua ascensão. O Brasil se viu à beira de uma guerra civil, com o país dividido entre legalistas e golpistas. A renúncia de Jânio, longe de resolver os problemas, abriu uma caixa de Pandora que culminaria em eventos ainda mais dramáticos nos anos seguintes.

Análise das Interpretações Historiográficas sobre a Renúncia

A renúncia de Jânio Quadros é, até hoje, um dos eventos mais debatidos e enigmáticos da história política brasileira. Não há um consenso entre os historiadores sobre os motivos reais que levaram o presidente a tomar uma decisão tão drástica e com consequências tão profundas. As "forças terríveis" mencionadas em sua carta de renúncia continuam a ser objeto de especulação e análise, gerando diferentes correntes de interpretação.



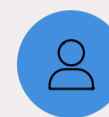
Teoria do Autogolpe

Uma das interpretações mais difundidas é a de que a renúncia foi um **autogolpe** ou um **blefe mal calculado**. Segundo essa visão, Jânio teria renunciado esperando que o clamor popular e as Forças Armadas o chamassem de volta ao poder, com plenos poderes para governar.



Pressão Militar

Outra corrente historiográfica aponta para a **pressão das Forças Armadas e de setores conservadores**. Jânio, com sua política externa independente e seu estilo errático, teria se tornado um alvo de desconfiança por parte dos militares e da elite conservadora.



Personalismo

Há também a visão que enfatiza o **personalismo e a inabilidade política de Jânio**. Para alguns historiadores, Jânio era um político brilhante na campanha, mas inexperiente na arte de governar e de construir alianças.

Pense nessas interpretações como diferentes lentes através das quais podemos observar um mesmo objeto. Cada lente (autogolpe, pressão militar, inabilidade política) revela um aspecto diferente da renúncia de Jânio, mas nenhuma delas, isoladamente, parece capturar a complexidade total do evento. A verdade, provavelmente, reside na intersecção de vários desses fatores, tornando a renúncia um mosaico de intenções e circunstâncias.

Conceito	Base/Origem	Exemplo
Autogolpe/Blefe	Análise do comportamento político de Jânio	A expectativa de que o povo ou militares o reconduzissem ao poder com "plenos poderes".
Pressão Externa	Documentos da época, depoimentos de envolvidos	A condecoração de Che Guevara como estopim para a intensificação da pressão militar e da UDN.
Inabilidade Pol.	Estudo do estilo de governo e relação com o Cong.	A falta de base parlamentar e a recusa em negociar com partidos tradicionais.

As análises historiográficas mais recentes, incorporando debates acadêmicos atuais sobre os períodos abordados, tendem a complexificar ainda mais o cenário. Elas consideram a renúncia de Jânio não apenas como um ato isolado, mas como parte de um processo mais amplo de crise institucional e polarização política que culminaria no golpe de 1964. A renúncia de Jânio, nesse sentido, teria exposto as fragilidades da democracia brasileira e a força dos atores militares e conservadores na cena política.

O Governo João Goulart e as Reformas de Base (Conexão com a Próxima Aula)

A renúncia de Jânio Quadros, como vimos, não foi um ponto final, mas um ponto de virada que abriu um novo e complexo capítulo na história brasileira. Com a saída de Jânio, o país mergulhou em uma crise sucessória sem precedentes, que testou os limites da legalidade e da estabilidade democrática. O vice-presidente, João Goulart, o Jango, estava em missão diplomática na China quando a renúncia foi anunciada, e sua volta ao Brasil se tornou o epicentro de uma disputa política acirrada.

Crise Sucessória

A posse de Jango foi duramente contestada por setores militares e conservadores, que o viam como uma ameaça à ordem e aos interesses estabelecidos.

Retorno ao Presidencialismo

Em 1963, um plebiscito popular restaurou o presidencialismo, e João Goulart finalmente assumiu plenos poderes.

Solução Parlamentarista

A solução encontrada foi a instauração do parlamentarismo, que limitava os poderes do presidente, permitindo a posse de Jango, mas com um poder reduzido.

Reformas de Base

Com a volta do presidencialismo, Jango buscou implementar um ambicioso programa de reformas sociais e econômicas, conhecido como **Reformas de Base**.

A resistência à sua posse levou o país à beira de uma guerra civil, com o Rio Grande do Sul, liderado por Leonel Brizola, defendendo a legalidade e a posse de Jango, e outros estados e setores militares se opondo. A solução encontrada foi a instauração do parlamentarismo, que limitava os poderes do presidente, permitindo a posse de Jango, mas com um poder reduzido.

Essa transição para o parlamentarismo foi como um "remendo" constitucional, uma solução de compromisso para evitar o colapso total. Assim como um carro com problemas no motor recebe um ajuste temporário para continuar andando, o sistema político brasileiro recebeu o parlamentarismo para que a crise sucessória fosse contornada, mas sem resolver as tensões subjacentes. Jango, embora presidente, não tinha a plenitude de seus poderes.

Reformas de Base

- Reforma Agrária
- Reforma Urbana
- Reforma Bancária
- Reforma Eleitoral
- Reforma Universitária

No entanto, o parlamentarismo durou pouco. Em 1963, um plebiscito popular restaurou o presidencialismo, e João Goulart finalmente assumiu plenos poderes. Com a volta do presidencialismo, Jango buscou implementar um ambicioso programa de reformas sociais e econômicas, conhecido como **Reformas de Base**. Essas reformas visavam combater as desigualdades sociais e promover o desenvolvimento do país, mas encontraram forte resistência.

As Reformas de Base incluíam propostas como a reforma agrária, a reforma urbana, a reforma bancária, a reforma eleitoral e a reforma universitária. Eram medidas que, para seus defensores, eram essenciais para modernizar o Brasil e garantir a justiça social. Para seus opositores, no entanto, eram vistas como uma ameaça à propriedade privada, à ordem social e como um caminho para o comunismo. Essa polarização em torno das reformas seria o pano de fundo para os eventos que se seguiriam, culminando no golpe de 1964.

O Legado de Jânio: Lições para o Brasil Contemporâneo

A curta e enigmática passagem de Jânio Quadros pela presidência do Brasil, embora tenha durado apenas sete meses, deixou marcas profundas na memória política do país. Seu governo e sua renúncia não foram apenas eventos isolados; eles se tornaram um estudo de caso sobre o populismo, a instabilidade institucional e a fragilidade das democracias em momentos de polarização. O legado de Jânio ressoa até hoje, oferecendo lições valiosas para a compreensão do cenário político brasileiro atual.

Um dos aspectos mais marcantes do legado de Jânio é a força do **populismo** e do **personalismo** na política brasileira. Jânio demonstrou como um líder carismático, com um discurso "anti-sistema" e uma promessa de moralização, pode ascender rapidamente ao poder, mesmo sem uma base partidária sólida. Essa figura do "salvador da pátria", que se coloca acima dos partidos e das instituições, é um arquétipo que reaparece periodicamente na história política do Brasil.



Instabilidade Institucional

Outra lição importante é a da **instabilidade institucional** e da **fragilidade democrática**. A renúncia de Jânio, seguida pela crise sucessória e a imposição do parlamentarismo, expôs as fissuras do sistema político brasileiro da época.

Polarização Política

Mostrou como a falta de diálogo, a polarização extrema e a intervenção de atores extra-institucionais (como os militares) podem desestabilizar rapidamente um governo e colocar em xeque a própria democracia.

Pense no legado de Jânio como um "bug" recorrente em um software complexo. Mesmo após várias atualizações e correções (as diferentes fases da democracia brasileira), o "bug" do populismo, da polarização e da instabilidade institucional parece reaparecer de tempos em tempos, exigindo constante vigilância e aprimoramento do sistema. A história de Jânio nos ajuda a identificar os padrões desse "bug".

As tendências atuais, como a polarização política, a ascensão de figuras "anti-establishment" e os debates sobre a moralidade na política, encontram ecos no período janista. A análise historiográfica recente, que busca entender as complexidades das crises políticas e econômicas do século XXI, muitas vezes retorna a esses momentos-chave do passado para buscar paralelos e compreensões. O governo Jânio Quadros, nesse sentido, é um laboratório para entender as dinâmicas do poder no Brasil.

Compreender o legado de Jânio Quadros é fundamental para qualquer estudante ou profissional que deseje analisar criticamente os ciclos políticos brasileiros. Ele nos lembra que a democracia é um edifício em constante construção, vulnerável a discursos simplistas e a crises de representatividade. A história de Jânio nos convida a refletir sobre a importância da solidez institucional, do diálogo político e da responsabilidade dos líderes em momentos de crise.

Conectando os Pontos: De Jânio a Jango e o Caminho para 1964

Chegamos ao final de nossa exploração sobre a breve e impactante passagem de Jânio Quadros pela presidência. Vimos como sua ascensão meteórica, impulsionada por uma retórica moralizadora e um símbolo popular, contrastou com a ambiguidade de suas políticas e a surpresa de sua renúncia. Essa renúncia, longe de ser um evento isolado, foi um catalisador que expôs as profundas tensões e fragilidades da democracia brasileira da época.



Crise Sucessória

A crise sucessória que se seguiu à renúncia de Jânio, com a resistência à posse de João Goulart, demonstrou a força dos setores conservadores e militares na política brasileira.



Parlamentarismo

A solução do parlamentarismo, embora tenha evitado um conflito imediato, foi apenas um paliativo.



Reformas de Base

O retorno ao presidencialismo e a tentativa de Jango de implementar as Reformas de Base reacenderam as chamadas da polarização.



Golpe de 1964

Preparando o terreno para o que viria a ser um dos momentos mais traumáticos da história do Brasil: o golpe de 1964.

A história de Jânio Quadros nos ensina que a política é um jogo complexo, onde carisma e boas intenções nem sempre são suficientes para navegar pelas águas turbulentas do poder. Sua trajetória é um lembrete de como a falta de uma base de apoio sólida, a inabilidade para negociar e a subestimação das forças de oposição podem levar a um colapso, mesmo para um líder com grande apoio popular.

Conectando com o que você já conhece, pense na renúncia de Jânio como um "curto-circuito" em um sistema elétrico que já estava sobrecarregado. O sistema (a democracia brasileira) vinha operando com tensões (inflação, polarização, pressões militares) e o ato de Jânio foi o que fez o fusível queimar, levando a uma interrupção abrupta e a uma reconfiguração forçada do sistema.

Essa aula sobre Jânio Quadros é, portanto, uma ponte essencial para a compreensão do período que se segue. A instabilidade gerada por sua renúncia e a subsequente crise sucessória criaram o ambiente propício para a escalada das tensões que culminariam no golpe militar de 1964. A polarização entre legalidade e golpismo, entre as reformas e a manutenção do status quo, se intensificaria no governo de João Goulart.

Aprofundar-se nesse período é crucial para entender não apenas o golpe em si, mas as complexas dinâmicas políticas, sociais e econômicas que o antecederam e que moldaram o Brasil contemporâneo. A próxima aula, "O Governo João Goulart e as Reformas de Base", aprofundará esses temas, desvendando como as tensões se agravaram e levaram ao fim da experiência democrática da Quarta República.

Síntese e Próximos Passos

Nesta aula, desvendamos a intrigante história de Jânio Quadros, desde sua ascensão meteórica com a retórica da "vassoura" até sua enigmática renúncia. Exploramos suas políticas ambíguas, a polêmica condecoração de Che Guevara que acirrou a crise com a UDN, e as diversas interpretações historiográficas sobre os motivos de sua saída. Compreendemos como sua renúncia deflagrou uma profunda crise sucessória, que colocou o Brasil à beira de um colapso institucional e preparou o terreno para os eventos futuros.



Ascensão

A ascensão de Jânio demonstra o poder do populismo e do discurso "anti-sistema" em momentos de insatisfação popular.



Governo

A ambiguidade de suas políticas e seu estilo personalista ilustram os desafios de governar sem uma base de apoio sólida.



Crise

A condecoração de Che Guevara foi um catalisador que expôs as tensões da Guerra Fria e a polarização interna no Brasil.



Renúncia

A renúncia de Jânio e a crise sucessória revelaram a fragilidade das instituições democráticas e a força dos atores extra-institucionais.

Autoavaliação

Questão 1

Qual foi o principal símbolo utilizado por Jânio Quadros em sua campanha eleitoral de 1960, representando sua promessa de "moralização" e combate à corrupção?

1. O chapéu de palha
2. A vassoura
3. A bandeira nacional
4. O martelo e a foice

Questão 2

A política externa de Jânio Quadros foi caracterizada por:

1. Um alinhamento incondicional aos Estados Unidos, seguindo a lógica da Guerra Fria.
2. Uma postura isolacionista, evitando relações com blocos internacionais.
3. Uma política externa independente, buscando aproximação com países socialistas e não alinhados.
4. Uma prioridade exclusiva para relações comerciais com a Europa Ocidental.

Questão 3

Qual evento específico, envolvendo uma figura internacional, intensificou a crise política de Jânio Quadros com a UDN e setores conservadores?

1. A visita do presidente dos EUA, John F. Kennedy.
2. A assinatura de um tratado comercial com a União Soviética.
3. A condecoração de Che Guevara com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.
4. A participação do Brasil na fundação do Mercado Comum Europeu.

Questão 4 (estilo concurso)

"A renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, é um dos episódios mais controversos da história política brasileira. Dentre as diversas interpretações historiográficas sobre o ato, uma delas sugere que o presidente teria renunciado esperando ser reconduzido ao poder com poderes ampliados, em um movimento conhecido como autogolpe. Essa interpretação se baseia, em parte, na análise do comportamento político errático de Jânio e na sua crença em um forte apoio popular."

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, qual das alternativas a seguir apresenta uma característica central da interpretação de "autogolpe" sobre a renúncia de Jânio Quadros?

1. A renúncia foi uma imposição direta das Forças Armadas para evitar a posse de João Goulart.
2. O ato de Jânio foi uma estratégia para testar o apoio popular e institucional, visando um retorno com mais autoridade.
3. A renúncia foi motivada exclusivamente por problemas de saúde do presidente, sem qualquer intenção política.
4. Jânio renunciou por não conseguir implementar suas reformas econômicas devido à forte oposição do Congresso.

Questão 5

Explique brevemente como a renúncia de Jânio Quadros contribuiu para a crise política que culminaria no golpe de 1964.

Gabarito

Questão 1

Resposta: b) A vassoura

A vassoura foi o símbolo icônico da campanha de Jânio Quadros, representando sua promessa de "varrer" a corrupção e os maus políticos do cenário brasileiro.

Questão 2

Resposta: c) Uma política externa independente, buscando aproximação com países socialistas e não alinhados.

Jânio Quadros adotou uma política externa que buscava maior autonomia para o Brasil, rompendo com o alinhamento automático aos EUA e aproximando-se de países do bloco socialista e não-alinhados.

Questão 3

Resposta: c) A condecoração de Che Guevara com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Este evento foi um ponto de inflexão que intensificou as críticas da UDN e dos setores conservadores ao governo de Jânio, sendo visto como uma provocação e aproximação perigosa com o comunismo.

Questão 4

Resposta: b) O ato de Jânio foi uma estratégia para testar o apoio popular e institucional, visando um retorno com mais autoridade.

A interpretação do "autogolpe" sugere que Jânio renunciou esperando ser reconduzido ao poder pelo clamor popular ou pelas Forças Armadas, com poderes ampliados para governar sem as amarras do Congresso.

Questão 5

Resposta: A renúncia de Jânio Quadros gerou uma crise sucessória ao tentar impedir a posse do vice-presidente João Goulart, visto como "esquerdista" por setores militares e conservadores. Essa disputa entre legalistas e golpistas expôs a fragilidade democrática e aprofundou a polarização política, criando um ambiente de instabilidade que seria explorado pelas forças que culminariam no golpe de 1964, ao verem em Jango uma ameaça ainda maior.

Próxima Aula e Recursos Adicionais

Próxima Aula:

Aula 4 – O Governo João Goulart e as Reformas de Base

Nesta próxima aula, aprofundaremos as tensões que se seguiram à posse de Jango e as propostas de reformas que acirraram a polarização política no Brasil.



Recursos Adicionais:



Documentário

"Jânio a 25 Quadros": Para uma perspectiva visual e depoimentos da época.



Livro

"1964: O Brasil entre a ditadura e a democracia" de Marco Antonio Villa: Para aprofundar as causas do golpe e o contexto político.



Artigos Acadêmicos

Artigos acadêmicos recentes sobre populismo no Brasil: Para conectar o passado com as tendências políticas atuais.

NOTA IMPORTANTE: As informações históricas desta aula são baseadas em pesquisas e interpretações historiográficas consolidadas até 2025. Consulte sempre fontes acadêmicas e documentais para aprofundar seus estudos.